

SLAM DAS MINAS: A INSURGÊNCIA E O PROTAGONISMO DAS POETAS MULHERES NO BRASIL

[SLAM DAS MINAS: INSURGENCY AND LEADERSHIP OF WOMEN POETS IN BRAZIL]

ANTONIA COSTA DE THUINⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-2256-4432>

Casa das Áfricas – Amanara, São Paulo, SP, Brasil

MARINA IVO DE ARAÚJO LIMAⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0001-5342-2627>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DANIELE RODRIGUES DE OLIVEIRAⁱⁱⁱ

<https://orcid.org/0000-0002-0005-0740>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo: No Brasil, ao contrário da cena hip hop, que tem sido um universo predominantemente masculino, o *Poetry Slam* tem se tornado um espaço de libertação e de resistência das poetisas mulheres por meio da criação e da ampliação do Slam das Minas. Neste artigo, é traçado um panorama da ascensão das vozes femininas nas batalhas poéticas brasileiras, em especial nas capitais do Rio de Janeiro e São Paulo, mostrando fatores que impulsionaram a cena, como, por exemplo, o encontro entre *slammers* na Festa Literária das Periferias em 2015 e o contexto político do país.

Palavra-chave: Slam das Minas; *Poetry Slam*; feminismo

Abstract: In Brazil, *Poetry Slam* has established itself, opposed to the hip-hop scene, predominantly male, as a space for freedom and resistance for women poets, with the creation and amplification of the Slam das Minas. In this article, we present a panorama of the rising of female voices in Brazilian poetic battles, specifically the ones in Rio de Janeiro and São Paulo, showing key factors for the scene, such as the meeting between *slammers* in the Festa Literária das Periferias in 2015 and the country's political context.

Keywords: Slam das Minas; Poetry Slam; feminism

*Minha voz uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala.
Elza Soares In O que se cala.*

Rio de Janeiro, 2015. Mais especificamente, Morro da Babilônia, na Zona Sul da capital carioca, durante a quarta edição da Festa Literária das Periferias – a Flup – ocorreu um encontro determinante para a cena do *Poetry Slam* no país. Convidadas para participarem da programação da Flup e hospedadas no mesmo quarto em um hostel, as poetisas Tatiana Nascimento, responsável por criar o primeiro *slam* brasileiro só de mulheres; Luz Ribeiro, poeta já reconhecida no circuito paulista e o poeta Tom Grito¹, pioneiro da cena de *slam* no Rio de Janeiro, contribuíram para a entrada cada vez maior das mulheres nas batalhas poéticas por meio da expansão do Slam das Minas.

Criado em 2015, no Distrito Federal, por Tatiana Nascimento, o Slam das Minas é um acontecimento artístico e performático de *Poetry Slam* composto por mulheres cujo objetivo é produzir espaços próprios de expressão e acolhimento de suas demandas. A iniciativa de criar uma batalha poética onde elas são as protagonistas surgiu da necessidade de ter um espaço para performar poemas sobre assédio, a violência sexual, o estupro, a lesbianidade, a gordofobia, a transfobia, entre outros. Isto é, assuntos que não tinham respaldo em um ambiente majoritariamente masculino.

Inicialmente contava com apenas uma célula em Brasília, mas já se destacava na cena de saraus periféricos do Distrito Federal. O Slam das Minas ampliou seu mapa a partir do encontro entre poetisas durante a batalha poética da Flup de 2015. Logo no ano seguinte, em 2016, foi criado o Slam das Minas na cidade de São Paulo, o Slam das Minas SP. Em 2017, foi a vez da Bahia e do Rio de Janeiro. Este último foi pioneiro em ampliar a participação para *slammers*² transgêneros e pessoas não binárias. Se diferenciando inicialmente dos demais, a regra do Slam das Minas carioca é que apenas homens cis heterossexuais não podem competir nos seus eventos. Atualmente, o Slam das Minas já se faz presente em diversas capitais como a de Minas Gerais, Pernambuco,

¹ Tom Grito é poeta não binário, fez a transição de gênero depois de fundar o Slam das Minas RJ.

² Entende-se por *slammer* o poeta ou a poeta de *Poetry Slam*.

Acre, Rio Grande do Sul, Paraíba, Paraná – entre outros estados e cidades menores brasileiras – e até mesmo em Portugal.

Falar da presença da mulher na cena do *Poetry Slam* é falar, de algum modo, da influência de Tatiana Nascimento para o movimento. Desde o ensino médio, Tatiana atuava em coletivos políticos e foram nesses espaços que entrou em contato com autoras feministas, movimento das mulheres negras e o ativismo lésbico. Posteriormente, na universidade, fez pesquisa sempre com sinalizadores de raça, sexo e gênero. Segundo ela, no espaço acadêmico, era acusada de ser panfletária, e, na rua, de ser acadêmica. Ficava sempre nesse entre-lugar, ou como ela mesma prefere dizer nesse “deslugar” (SPITZNER, 2017).

Alinhada ao pensamento da intelectual e poeta norte-americana Audre Lorde, cuja obra traduziu durante o seu doutorado, os poemas e as teorias de Tatiana Nascimento se confundem com a sua própria vida e o seu compromisso político. Segundo ela, nada é mais profundo e transformador do que expressar o desejo sexual e o amor entre duas mulheres que desde sempre foi proibido de ser falado.

Em entrevista ao canal Estúdio Gota Bahia, Nascimento destacou a importância de pensar o lugar dos corpos racializados na diáspora e em como esses corpos ocupam um lugar. Para Tatiana, a palavra é um lugar e se apropriar dela é tentar desmontar “um projeto secular de silenciamento dos corpos negros e lesbianos, dos corpos diaspóricos, da dissidência sexual”³. A poeta afirma ainda que tudo isso está sendo feito a partir do afeto. Ademais, o fato de ter ingressado na primeira turma de cotas étnico-raciais da Universidade Nacional de Brasília – a UNB –, em 2004, influenciou toda a sua trajetória na reflexão crítica sobre o confronto racial, epistemológico e de gênero.

De acordo com Tatiana Nascimento (2014), a “literatura é dessas artes com as quais inventamos mundos novos, im ou possíveis, utópicos, diz-tópicos: fundamos lugar no dizer. Criamos kuírlombos não só de resistência: mas de sonho, afeto, semente” (NASCIMENTO, 2019, p. 24). Tatiana recorre ao ensaio “Poesia não é um luxo”, de Audre Lorde, onde a pensadora e poeta estadunidense defende a poesia como uma espécie de investigação para iluminar e dar nome a experiências que, até então, pareciam inomináveis e indizíveis, transformando assim sentimentos em linguagem, em ideia e em ação.

³ A entrevista com Tatiana Nascimento para o canal Estúdio Gota Bahia pode ser acessada no endereço <<https://www.youtube.com/watch?v=mHUo9M5KI5k>>.

Como criadora do Slam das Minas DF, Tatiana Nascimento também oferecia laboratórios de escrita feminista e oficinas de produção de livros artesanais e zines às participantes do evento. Ou seja, ao dividir conhecimento e compartilhar com outras mulheres ferramentas de escrita e produção de livros artesanais, ela estimulava a formação de uma nova cena poética, possibilitando a multiplicação desses espaços. Prática que foi reproduzida em outros Slams das Minas pelo país.

Nessas batalhas poéticas de mulheres, é comum os poemas trazerem testemunhos de uma vivência traumática, episódios de racismo vivido pelas poetisas e seus pares que perpassam a história familiar, questões existenciais e históricas compartilhadas. Por outro lado, percebe-se também os poemas que reivindicam o amor entre mulheres, a dissidência sexual, a autoestima e a ancestralidade africana. A voz entra em cena com toda a carga de afetos em um ato político e festivo de celebração e convivência.

A crítica argentina Josefina Ludmer, no ensaio “Literaturas pós-autônomas”⁴, destacou a crescente fusão da arte com a vida nas escritas literárias contemporâneas. Para Ludmer (2010), as escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura. Isto é, os parâmetros que definem o que é literatura ficam em uma posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Nesse sentido, são e não são literatura ao mesmo tempo e ocupam uma ambivalência que representa a literatura no fim da autonomia do literário. Assim, a “literatura pós-autônoma” se funda em dois postulados atuais do mundo contemporâneo em que se borram os campos relativamente autônomos do político, do econômico e do cultural. Essa relação do real com o ficcional resulta em uma literatura que frequentemente tem a forma documental do testemunho, da autobiografia, do diário e até da autoetnografia, como ocorre com as poesias performadas nas batalhas de *Poetry Slam*, em especial, no Slam das Minas.

Após as apresentações, é comum as espectadoras gritarem, baterem palmas, pularem eufóricas com o que se acabou de ouvir. Mesmo que se trate de um poema que fale de uma situação traumática. Há um ambiente de festa, de celebração semelhante à plateia de show musical, de embriaguez. A tristeza e a dor convivem lado a lado com a alegria e o êxtase como uma espécie de catarse. Muitas vezes, enquanto os versos denunciam o preconceito, a invisibilidade e a experiência de maus-tratos, a

⁴ Ensaio publicado originalmente em *Ciberletras*: revista de crítica literária y de cultura, n. 17, jul. 2007.

receptividade é alegre e ruidosa como a expurgar o que acabou de ser dito. E a poeta é prontamente acolhida com abraços e falas de incentivo.

Todo esse cenário de criação e fruição da cena do *Poetry Slam* entra em uma lógica de operação que despatrimonializa a produção cultural. O *slam* opera da mesma forma que outros movimentos – como a cumbia, o funk, movimentos *plebeyos*⁵, não populares –, que prescindem de proteção ao existirem na festa, na fruição conjunta, no jogo. O conceito de patrimônio, utilizado para defender culturas, como definido pela Unesco, nos lembra Santiago Alfaro Rotondo, pesquisador peruano, prevê uma proteção e uma manutenção da cultura ao longo do tempo, uma tradição, “tal como foi elaborado, o regime de patrimônio imaterial limita a abrangência do que o passado representa e como faz parte da identidade nacional” (ROTONDO, 2016, p. 215).

Já o *slam* e todos que ao redor dele trabalham não usam isso como chave, mas buscam, ao contrário, que haja um coletivo de produção, em que cada performance permaneça única. Isso é lembrado por diversos atores dentro do *slam*. George Yúdice descreve a patrimonialização como uma interferência estatal na produção, ao falar especificamente do funk, mas de forma que pode ser ampliada para o *slam*. Segundo Yúdice,

[...] a patrimonialização é um tipo de disciplina, e, numa época de [des]disciplinamento relativo, devemos perguntar para que serve o próprio conceito de patrimônio, especialmente quando se pluralizam cada vez mais os processos de gestão e intermediação. Salles trata de outra manifestação endemoninhada pelos detentores dos critérios do patrimônio: o funk carioca, no qual os negros – dizem eles – se afastam das suas raízes africanas. Longe de ser uma música essencializada, como se acredita do *folklore*, o funk é uma música de fusão muito abrangente, que “tem essa capacidade de não se permitir domesticar ou disciplinar facilmente”. (YÚDICE, 2016, p. 13)

Com o mote “não seremos interrompidas”, o Slam das Minas RJ se autodefine como uma batalha lúdico-poética que busca um espaço seguro e livre de opressões para o desenvolvimento da potência artística de suas participantes. Além disso, o coletivo optou “[...] pela ocupação da rua para acabar com a invisibilidade dessas pessoas e

⁵ Plebeyo, conceito de George Yúdice, pesquisador da Universidade de Miami, fala de manifestações culturais, sobretudo no campo da música, que propõem outros modos de relação de produção e consumo, não ligadas a gravadoras, com modelos abertos de negócio e com redução da distância entre público e *performer*, nessas manifestações o cerne do movimento estaria na “experiência viva”, e não no registro ou venda dessa produção.

estimular os encontros e afetos”⁶. Ultrapassando as batalhas de poesia, há o microfone aberto onde se apresentam, além das demais poetisas presentes nos eventos, musicistas, *performers* e transeuntes. A ideia é que nenhuma forma de opressão seja aceita no Slam das Minas RJ, conforme aponta o texto da contracapa do livro artesanal vendido no evento *Verão para todos os corpos*, realizado em 2019 pelo coletivo, na Escola de Artes Visuais Parque Lage⁷.

Genesis, uma das integrantes do Slam das Minas RJ, reitera que a tentativa é de construir um lugar seguro para o desenvolvimento das potências criativas, dos afetos e da sexualidade. A poeta fluminense afirma que o coletivo do Rio de Janeiro “acredita na revolução pela palavra, na cura e libertação da voz de mulheres que foram tanto tempo silenciadas”⁸. Há algo muito poderoso em assegurar um espaço de compartilhamento de escritos, no qual a autora performa em público um poema, ou algo íntimo escrito em um diário ou caderno de anotações.

Em *Memórias da plantação*, a escritora e artista visual Grada Kilomba convoca cinco versos do poeta britânico Jacob Sam-La Rose: “Por que escrevo? / Porque eu tenho de/ Porque minha voz, / em todos os seus dialetos, / tem sido calada por muito tempo”. Segundo Grada, o poema de Sam-La Rose trata da brutalidade do sistema colonial que rouba vozes, impõe idiomas, cala discursos e impede corpos de circularem livremente em que “escrever, portanto, emerge como um ato político” (KILOMBA, 2019, p. 27). Nesse sentido, Kilomba se refere ao ato da escrita como uma forma de se tornar narradora, autora e autoridade da própria história e não algo a ser escrito e dominado por outrem. Isto é, ao tomar para si o sujeito da narração e, portanto, o lugar de autoridade da própria história, essas novas vozes se tornam “[...] a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou” (KILOMBA, 2019, p. 28).

Grada pensa o poema como uma forma de resistência, uma fome de se apropriar da própria voz e uma forma de recuperar uma história coletiva que foi escondida. Isto é, a escrita e a voz encontram-se imbricadas de maneira que não é possível separar uma da outra, exatamente como ocorre nas batalhas poéticas de mulheres dentro da cena do *Poetry Slam* no mundo e, em especial, no Brasil.

⁶ Essas informações constam na contracapa do livro artesanal vendido no evento *Verão para todos os corpos* (Parque Lage, 2019): Gordezine, edição especial.

⁷ Ibid.

⁸ Entrevista com Genesis no site Poeme-se. Ver em <<https://blog.poemese.com/entrevista-com-genesis-do-slam-das-minas-rj/>>.

Essa proposta aparentemente simples de criar um espaço para mulheres de fala e escuta de poemas autorais com forte tom confessional se alastrou muito rapidamente. Talvez, porque já houvesse uma necessidade muito forte do público de um evento com esse formato. Já no primeiro encontro organizado pelo Slam das Minas RJ, em 2017, cerca de 400 pessoas estiveram presentes. A articulação nas redes sociais e as experiências que já vinham ocorrendo no Distrito Federal e São Paulo facilitaram o êxito do evento carioca logo na estreia.

O Slam das Minas RJ passou a ocupar espaços de grande alcance midiático, como, por exemplo, o Rock in Rio em 2019 e o *Mundial Poético de Montevideo*, no Uruguai, em 2020. Nem a pandemia de covid-19, a partir de 2020, freou as atividades do coletivo que, até então, dependia, majoritariamente, da rua e dos eventos presenciais para unir o público. A atuação do grupo carioca no ambiente virtual foi premiada com a Ordem do Mérito Cultural Carioca 2020, da Secretaria Municipal de Cultura, a mais alta honraria cultural da cidade. Inicialmente, o coletivo lançou vídeos de até três minutos com poetas do grupo e convidadas de vários estados recitando poemas, o que denominaram como a quarentena poética. Em seguida, vieram os saraus poéticos e mesmo as competições aconteceram virtualmente, como a grande maioria dos *slams* do país. Além disso, no ano de 2021, o Slam das Minas RJ foi a atração de abertura da Bienal do Livro. Ou seja, o Slam das Minas RJ assumiu uma posição de destaque na cena artística carioca.

As poetisas mulheres e a hegemonia masculina nos campeonatos

Para além do acolhimento e de um espaço seguro para desenvolver a expressão poética das participantes, as organizadoras da versão expandida do Slam das Minas têm como objetivo principal desafiar a hegemonia masculina nos campeonatos – de *slammers* a jurados. E, de algum modo, garantir vagas nas finais regionais e nacionais, aumentando a presença de mulheres nas últimas etapas. Antes de surgir o movimento organizado das mulheres na cena do *Poetry Slam*, elas eram eliminadas e raramente chegavam à etapa final em um campeonato misto. Um exemplo é o Slam BR – Campeonato brasileiro de poesia falada, do ano de 2015. Apesar das poetisas serem a maioria das competidoras, apenas uma passou para a segunda rodada e logo foi

eliminada. Com a criação do circuito de *slam* de mulheres e o fortalecimento delas na cena do *Poetry Slam*, as alterações nos resultados apareceram muito rapidamente.

Em 2016, venceu a primeira poeta do campeonato nacional, conquistando vaga para a Copa do Mundo de *Slam* de 2017, que acontece anualmente em Paris. É Luz Ribeiro, a mesma que criou o circuito feminino em São Paulo. Era um feito inédito, pois desde a primeira edição do evento, em 2014, apenas homens haviam conquistado a vitória. A conquista feminina se repetiu nos anos seguintes. Em 2017, a vencedora foi Bell Puã, cantora, compositora, atriz e poeta pernambucana. Graduada em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE –, Bell venceu a primeira edição do Slam das Minas PE, em 2017, no mesmo ano em que foi a vencedora do Slam BR, vitória que a tornou representante brasileira no campeonato mundial de 2018, em Paris.

Já em 2018, a vitória do Slam BR foi conquistada por Pieta Poeta, a mineira que além de poeta é musicista, atriz, artista visual e professora. Pieta se inseriu na cena do *Poetry Slam* em 2016 e, ao vencer o Slam BR de 2018, representou o Brasil na Copa do Mundo de *Slam* de 2019, onde alcançou o quarto lugar. Em 2019, foi Kimani quem levou a vitória para casa. Poeta e cantora, Kimani é uma jovem da periferia do Grajaú, extremo sul de São Paulo e afirma que o *slam* é um

[...] processo terapêutico. É um lugar de apoio e confronto que desperta coisas em você que você nem se dava conta. É sobre nomear dores que nem nos dávamos conta que existiam. *Slam* são pessoas que ficaram silenciadas durante muito tempo, resolveram falar e tem muito a dizer.⁹

Em 2020 e 2021, mais uma vez a vitória feminina se confirmou, dessa vez pelas poetisas Jéssica Campos, escritora, educadora e socióloga paulistana, e Joice Zau, poeta angolana que representou o estado de Pernambuco, algo que só foi possível porque, em função da pandemia de covid-19, as batalhas nacionais migraram para o ambiente virtual. Isto é, desde 2016 até 2021, só poetisas mulheres foram vencedoras no campeonato brasileiro de *slam*, o *Slam BR*.

A internet, nesse sentido, desempenhou um papel fundamental durante a pandemia de covid-19, permitindo a continuidade desses coletivos e de seus eventos, sem fixar um formato de existência. Desde o momento do primeiro *lockdown* no Brasil,

⁹ Ver em FRANKLIN, Laís. Quem é Kimani, a poeta de Slam do Grajaú que viralizou com vídeo sobre *The Handmaid's Tale*. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/03/quem-e-kimani-poeta-de-slam-do-grajau-que-viralizou-com-video-sobre-handmaids-tale.html>>.

o Slam das Minas – e a maioria dos *slams* – permaneceu marcando presença no ambiente online a fim de continuar seu trabalho. Apesar da neutralidade¹⁰ de rede ser aqui disputada, afinal, as *lives* acontecem em territórios das redes sociais no Brasil e no mundo, isso permitiu manter a comunidade integrada durante o período, até o fim de 2020, quando o formato híbrido foi adotado pelos maiores *slams* do Brasil.

No entanto, o uso da internet como ferramenta para divulgação das atividades de *slam* não ocorre apenas para driblar o isolamento social imposto pela pandemia, conforme explica a professora e pesquisadora Daniela Silva de Freitas, no artigo “*Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência*”. As performances poéticas organizadas pelo coletivo Slam Resistência, na Praça Roosevelt, que reunia de 100 a 300 pessoas no Centro de São Paulo, a partir de 2014, passam a alcançar milhares de espectadores com vídeos publicados nas redes sociais, fato determinante para multiplicar coletivos de *slam* pelo país e aumentar sua visibilidade. Em outras palavras, as redes sociais já vinham sendo usadas pelo movimento de *slam*, mas, com a pandemia de covid-19, ganharam ainda mais utilidade por serem ferramentas possíveis de encontro em um momento que demandava por um distanciamento (ou isolamento) físico-social.

Quando as múltiplas vozes substituem o silenciamento

O Slam das Minas SP, que também ocupa um lugar de destaque no país, principalmente com a atual inatividade do Slam das Minas DF, foi fundado pelas poetas Luz Ribeiro, Pam Araujo, Carol Peixoto e Mel Duarte. Esta última, organizadora de *Querem nos calar*, uma antologia poética com trabalhos de quinze *slammers* das cinco regiões do país, que reforça a importância do movimento de mulheres na cena da poesia falada brasileira. Segundo Mel (2019), é esperado da mulher uma posição subserviente sem questionamentos. Quando assumem uma posição de liderança, sobem ao palco e pegam no microfone, elas são interrompidas e desvalorizadas. Duarte afirma ainda que essa expectativa pela subserviência feminina fez com que as mulheres crescessem com

¹⁰ O conceito de neutralidade da internet implica em ser um ambiente sem interferência de publicidade ou algoritmo, em que o vídeo ou peça feito por um indivíduo tenha um alcance orgânico. Benjamin Bratton (2016, p. 114) descreve o conceito de pilha, de retransmissão em camadas, para evidenciar a neutralidade, segundo o autor, as redes sem o controle da neutralidade dessas camadas se tornam opacas e permitem o controle por indivíduos, como no caso das redes sociais, causando o que o teórico chama de “pilha negra”, no sentido de opacidade das informações.

o peso do silenciamento. E finaliza que “se não há espaços que nos valorizem, nós devemos criá-los” (DUARTE, 2019, p. 11).

Mel Duarte evidencia, assim, a importância do slam como espaço que rompe o silenciamento das vozes performadas por mulheres. Ao publicar um livro que reúne poetas mulheres, em especial, mulheres negras, ela desafia um sistema literário hegemônico, predominantemente branco e masculino. Em “Fera ferida”, poema da *slammer* baiana Nega Fya¹¹ e que faz parte da coletânea organizada por Mel, a solidão da mulher negra, a hipersexualização do corpo negro e as marcas da violência racial se fazem presentes nos versos.

[...] Eu queria que um corpo negro me abraçasse forte
Que pudesse escutar os meus anseios
Que fosse meu companheiro
Que enxergasse a beleza do verdadeiro amor preto
Mas...
O que recebo?
O desamor, a agressão, a maternidade solitária
[...] Mais uma vez o coração dilacerado, invadido, violado, desumanizado
Meu corpo desejado, almejado como medalha
Fera ferida pelo próprio espelho
Fera feroz pelo medo do falso amor preto
(FYA, 2019, p. 180)

Os versos de Nega Fya, assim como os de outras *slammers* mulheres, ecoam em outros corpos e atingem zonas profundas de compreensão e sensibilidade que tocam nas subjetividades de outras poetas. O poema intitulado “às vezes”, de Ryane Leão, nascida em Cuiabá e radicada em São Paulo, é um bom exemplo disso.

precisamos escutar
pra lembrar a nossa voz
eu me lembro bem
a primeira vez que vi uma mulher negra
declamar
nunca mais fui a mesma
pensei que nada intimida
as que carregam batalhas nos olhos
[...] e que eu também poderia escrever poemas
pra chamar de lar
(LEÃO, 2019, p. 211)

¹¹ Nega Fya é poeta, idealizadora e produtora do Slam das Minas BA.

No artigo “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”, a pesquisadora, professora e crítica literária Regina Dalcastagné (2012) mostra a gritante predominância de homens brancos no cenário literário do país através de duas pesquisas empreendidas pela Universidade de Brasília. A primeira analisou os principais prêmios literários entre 2006 e 2011. Nesses cinco anos, apenas uma mulher foi premiada na categoria estreante contra 29 homens. A segunda investigou a publicação de romances das mais importantes casas editoriais do país ao longo de 15 anos, de 1990 a 2004. A pesquisa revelou que 72,7% dos livros eram de autoria masculina, sendo que destes 93,9% eram brancos, e 60% moravam no Rio de Janeiro e em São Paulo. Segundo Dalcastagné, a maioria “estão em profissões que abarcam espaços privilegiados de produção de discurso: os meios jornalísticos e acadêmico” (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 14).

Ao privilegiar ficções de autoria de um determinado grupo homogêneo em relação a sexo, raça e classe social, o circuito literário – em seus festivais, revistas, programas culturais, prêmios – consagra uma espécie de discurso único distante da polifonia presente na sociedade brasileira. O perigo do discurso único ou da história única, como definiu a escritora e feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), é que ele tem o poder de transformar as subjetividades de um povo através da repetição desse discurso. Nesse sentido, como destacou Chimamanda, é impossível falar sobre um discurso único sem falar de poder. Esse poder não é só a habilidade – ou o direito – de contar a história, mas de fazer com que essa história seja definitiva. No entanto, na contramão dessa tendência está, por exemplo, a Festa Literária das Periferias, a Flup, a mesma festa que foi o ponto de encontro para o alargamento geográfico do Slam das Minas, em 2015.

Iniciada em 2012, a Festa Literária das Periferias tem contribuído, ao longo dos anos, para o fortalecimento dos novos rumos da literatura no Brasil ao estimular a entrada de sujeitos periféricos no consumo e, principalmente, na produção literária. O projeto, idealizado por Écio Salles e Julio Ludemir, se constitui através de uma programação cultural ao longo do ano que procura atender às demandas de uma periferia cada vez mais afirmativa da sua potencialidade artístico-cultural. Em outras palavras, a Flup é um empreendimento no setor da cultura que procura contribuir para

uma nova configuração cultural da periferia assim como do sujeito periférico ao estimular a disseminação da literatura nas favelas do Rio de Janeiro.

Rasurando os limites, tradicionalmente bem marcados, entre margem e centro, a Flup é uma estratégia que vem comprovando que é possível descentralizar a leitura e a escrita literária. Essas novas escritas, ao se apropriarem dos códigos estéticos e culturais vigentes, procuram alterá-los em um processo de ressignificação e redignificação, de libertação, restituição e de afirmação identitária e cultural. Esse descentramento nos coloca diante de um fenômeno inovador, de uma periferia que se torna o centro ou o cerne da criação literária que consome (OLIVEIRA, 2019).

A chegada de novas gerações e a insurreição dos discursos periféricos no enfrentamento pela conquista de espaços de visibilidade caracterizaram uma emergência no mercado ou circuito literário uma vez que demandaram por representatividade na literatura. Ao buscar promover um empoderamento político-social, a Flup se demonstra atenta e interessada nos movimentos que popularizam a literatura e demais formas artísticas. Foi assim que o *slam* passou a fazer parte da programação fixa da Flup a partir de 2014 com a competição internacional Rio Poetry Slam e, em 2015, com o campeonato nacional Slam BNDES¹².

Outro fator importante é que tanto as batalhas poéticas quanto a própria Flup surgiram em um cenário de intensa transformação social que ocorreu durante os dois mandatos presidenciais de Luis Inácio Lula da Silva, entre 2003 e 2011, e nos mandatos de Dilma Roussef, entre 2012 até o golpe de 2016. Sobretudo quando o cantor e compositor Gilberto Gil esteve à frente da pasta do Ministério da Cultura, entre 2003 e 2008. A figura de Gil foi de extrema importância no reconhecimento das manifestações populares como expressões culturais e estabeleceu um novo paradigma nas políticas públicas para o setor. Em suma, as políticas públicas culturais, sociais e educativas dos governos do Partido dos Trabalhadores de 2002 a 2016 tiveram um papel importante de desafiar a ordem pré-estabelecida até então em que homens brancos, representantes das elites econômicas e intelectuais, eram os únicos autorizados a falar, como também a publicar. O ingresso das classes populares nas universidades públicas e privadas – por

¹² Tatiana Nascimento, Luz Ribeiro e Tom Grito foram convidadas para participarem do Slam BNDES, o campeonato nacional que reúne poetisas de diferentes regiões do país. Isto é, foi por meio da participação no Slam BNDES que as poetisas se encontram e iniciaram o alargamento do Slam das Minas, antes concentrado unicamente no Distrito Federal.

meio da política de cotas e financiamento de mensalidades – redesenhou também todo o cenário discursivo brasileiro, abarcando o próprio campo literário (LEONI, 2019).

Cabe ressaltar ainda que quando a atriz, poeta e pesquisadora Roberta Estrela D’Alva funda o primeiro *slam* brasileiro, o ZAP! Slam, em São Paulo, ela traz uma nova forma de performar a palavra falada em um ambiente que já vivia uma efervescência cultural muito forte com o hip hop e a cena literária, tendo como precursores Sérgio Vaz e Ferrez. O *Slam*, portanto, que surgiu como um jogo com regras claras, se tornou mais um espaço possível para expressar as vivências da periferia de São Paulo em todas as suas complexidades. Segundo a pesquisadora Carolina Vidal Ferreira (2020), a cena do *Poetry Slam* no Brasil “ganhou forma ao se misturar com um cenário já existente e em ebulição derivado da literatura marginal, dos saraus e demais coletivos de arte e resistência” (FERREIRA, 2020, p.189).

Lucia Tennina, professora e pesquisadora, em seu trabalho “Cuidado com os Poetas: literatura e periferia na cidade de São Paulo”, explica, entretanto, que a representação de personagens femininas nos saraus era marcada por um tom sexista, muito em função das letras de rap que serviam como inspiração. Com uma atitude de desprezo em relação às mulheres, essas personagens deslizam pelo estereótipo da vulgaridade ao da santa. São comparadas ao diabo pela sua figura sedutora ou são as mulheres de fé que suportam os deslizos do companheiro sem nada reclamar. Ou ainda, elas são as mães guerreiras que fazem tudo pelos filhos.

A partir de 2004, explica Tennina (2017), é possível perceber uma maior organização feminina, tanto nos saraus literários periféricos, como no movimento virtual “Mulheres no Hip Hop”. Com as comemorações pelos 50 anos da primeira edição do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em 2010; e também do centenário do nascimento da autora, em 2014, a cena feminina ganha um novo impulso. Uma série de atividades – como seminários, encontros, textos em *blogs*, livros e ensaios – homenagearam Carolina e recuperavam a importância de sua escrita e de seu legado.

Exaltava-se a importância literária da primeira escritora proveniente de uma favela a ser reconhecida pelo círculo letrado de sua época e ter alcance internacional. Em cinco anos, as traduções de *Quarto de despejo* já circulavam em cerca de dezesseis países, a autora, porém, morreu em situação de pobreza e foi relegada ao esquecimento. As datas comemorativas em torno de sua obra, foram fundamentais para recontar essa

história e celebrar a escrita de mulheres negras e periféricas. Dessa forma, nos últimos anos, formaram-se coletivos exclusivamente de mulheres a fim de escrever seus próprios trabalhos e marcar suas posições na cena literária.

O movimento do *slam*, portanto, surge em uma cena em que a participação das mulheres já vinha sendo reivindicada. Mas o que se verifica nos primeiros anos, no entanto, é que os poetas homens prevaleciam sendo eles que julgavam e que venciam os campeonatos. Mesmo que Roberta Estrela D’Alva, uma mulher, tenha sido a responsável por trazer a cena do *Poetry Slam* ao país. Só em 2015, com a iniciativa de Tatiana Nascimento, no Distrito Federal, as mulheres ganharam um novo impulso na cena e, posteriormente, quando Luz Ribeiro e Tom Grito deram continuidade à proposta.

Cabe destacar que o ano de 2015, quando o Slam das Minas DF foi fundado, e os dois anos seguintes, que marcou a ampliação do movimento para São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia, uma forte onda conservadora marcou o cenário político brasileiro, gerando um intenso movimento de reação liderado, sobretudo, pelas mulheres. Quando assumiu a presidência da câmara dos deputados, em fevereiro de 2015, o deputado da bancada evangélica Eduardo Cunha pôs em votação pautas que iam contra os direitos das mulheres e da população LGBTQIA+. O estopim foi o projeto de lei 5069/2013, de autoria do próprio Cunha, que criminaliza profissionais de saúde – médicos, enfermeiros, farmacêuticos – que auxiliam mulheres vítimas de violação, a fim de dificultar qualquer tipo de atendimento médico e psicológico à vítima. Inicialmente, articulado nas redes sociais, o “Mulheres contra Cunha” ganhou as ruas em novembro do mesmo ano (PATRÍCIO; ROQUE, 2018).

Nas redes sociais, campanhas como #meuprimeiroassédio, #meuamigosecreto, #chegadefiufiu e #naopoetizeomachismo inundaram a internet e a imprensa com depoimentos de mulheres intelectuais, jornalistas e poetisas. Situações traumáticas acerca de abusos sexuais, assédios e estupros eram desvelados em relatos contundentes que reivindicavam representatividade e o fim do silenciamento imposto pela cultura do estupro. Assim, as mulheres reivindicavam na cena política suas próprias demandas.

No microcosmo do *slam*, segundo Tom Grito em aula inaugural do Departamento de Letras da PUC-Rio¹³, a campanha #naopoetizeomachismo surgiu como reação contra

¹³ Aula disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Rt5wRaSQT7o>>.

um caso de assédio em um sarau em São Paulo, no qual o agressor pediu desculpas com o poema publicado nas redes. A consequência, já nesse ambiente de luta feminista, foi a articulação intensa das mulheres poetas contra o ambiente machista dentro da cena literária, dando novo impulso à criação de coletivos poéticos só de mulheres. Segundo Tom é possível atribuir a campanha contra o machismo ao nascimento do coletivo em São Paulo. Ele conta que Tatiana Nascimento chegou a fazer uma pré-edição do Slam das Minas SP e apoiou a criação do coletivo no Rio de Janeiro, surgido em 2017, na época do golpe contra a presidente Dilma Roussef, cujo impeachment foi instaurado também por Eduardo Cunha.

Esse percurso permitiu que o *slam* brasileiro hoje seja majoritariamente protagonizado pelo público feminino, se diferenciando da cultura hip hop, um ambiente ainda hegemonicamente masculino. Além das vencedoras nacionais, vale citar poetas que despontam na cena da poesia falada que, inclusive, segundo a pesquisadora e professora Daniela Freitas (2020), já publicaram seus trabalhos em livros impressos, virtuais ou *audiobooks* por grandes editoras ou editoras independentes, além de empreender outros projetos culturais. Entre elas estão, por exemplo, Ryane Leão, Mel Duarte, Mariana Félix, Nega Fya, Luíza Romão, Carol Dall Farra, Genesis, Pieta Poeta, Andrea Bak, Meimei Bastos e Luna Vitrolira (FREITAS, 2020).

A ascensão do protagonismo feminino nos campeonatos de *slam* não parece ser uma tendência apenas brasileira. Em novembro de 2021, ocorreu o primeiro Slam Abya Yala, torneio internacional dentro das atividades da Festa Literária das Periferias, que reuniu 13 poetas do continente americano de países como Canadá, Guatemala, Costa Rica, Cuba, Peru, Argentina, entre outros, no Morro da Babilônia, Leme, na zona sul do Rio de Janeiro. De acordo com o Instituto de Estudos Latino-americanos, da Universidade Federal de Santa Catarina, a UFSC, Abya Yala significa “Terra Madura”, “Terra Viva”, “Terra em pleno florescimento”, na língua do povo Kuna, originário da Serra Nevada, no norte da Colômbia. A expressão decolonial surge como símbolo de resistência dos povos originários em contraponto ao nome América¹⁴.

O Slam Abya Yala surpreendeu pela força da participação das mulheres e da população LGBTQIA+. Dos treze participantes, apenas cinco eram homens, e na etapa final só havia mulheres. Yaissa Jimenez, da República Dominicana, venceu a

¹⁴ Ver em <<https://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala>>.

competição, Victoria Equihua, do México, e Joice Zau, angolana que representou o Brasil, empataram em segundo lugar e Afibola Sifunola, de Cuba, conquistou a terceira posição do pódio.

Apesar de não ter vencido o campeonato, a vice-campeã Victoria Equihua apresentou um poema emblemático intitulado “Seja uma boa mulher”¹⁵. Ao performar com voz doce e forte e repetindo diversas vezes o verso que dá título ao poema, Victoria foi ovacionada pela plateia presente.

De baixa estatura, cabelos lisos pretos e franjinha, ela trajava um vestido vermelho florido e um par de argolas. Segurava – ora com a mão direita, ora com a esquerda – folhas brancas onde lia seu poema. Inicia com voz calma e tom baixo: “Seja uma boa mulher/Repete minha mãe e a mãe de outra menina/E a mãe das mães”. Em seguida, lista tarefas domésticas a serem executadas como encerar os pisos, lavar pratos, deixar a roupa branca. A partir de então, a poeta destaca a exaustão causada pelo papel da boa mulher que deve servir aos outros. “Chore pela jornada de trabalho/ Chore pelas mulheres retidas na fábrica”. Até esse ponto seu corpo quase não mexe e, comportada, ela segura seus papéis com as duas mãos, interpreta o papel da mulher contida, da boa mulher que lhe cabe. Em determinado momento, o poema sofre uma reviravolta ao performar os seguintes versos:

Eu, eu não quero ser uma boa mulher
Eu não sou a fêmea
Eu não sou a que pari
Eu não sou a cuidadora

A mão espalmada bate forte no peito, o indicador em riste balança de um lado para o outro, Victória cerra o punho. O corpo pequeno de Vitória cresce como se alçasse voos maiores, como a buscar outro papel que lhe caia melhor.

Eu sou a vingança das meninas
Eu sou o punho cerrado
Eu sou o olhar furioso
Eu sou o pranto livre
Eu sou a que aborta, a que ri a que amaldiçoa
(Victoria Equihua, 2021)

¹⁵ Ver em <<https://www.youtube.com/watch?v=Z5BZPKJLJMY&t=9145s>>. Poema performado em espanhol, tradução em português exibida no vídeo da competição.

Em menos de três minutos, o poema narra desde as consequências do sexismo da sociedade patriarcal que atravessa gerações, a exploração das mulheres no trabalho doméstico, até temas sensíveis como o preconceito sofrido por uma mulher latina que tem como padrão de beleza a mulher branca europeia e norte-americana, o silenciamento histórico sofrido até desaguar na revolta e na insubordinação. O movimento de mulheres *slammers* com a insurgência do Slam das Minas, desde a sua fundação em Brasília, parece não ter limite para dar um novo eixo discursivo no país e no continente. A poeta Victoria parece falar por todas ao afirmar nos versos finais: “Eu sou o fogo/a raiva/a poesia”.

Dessa forma, como uma chama incandescente que se alastra com força e rapidez, o Slam das Minas impulsionou uma comunidade de poetas mulheres pelo território brasileiro que articulou e expandiu o movimento a partir da criação do Slam DF, hoje inativo.

Desde então, o movimento só aumenta com presença e destaque na cena cultural de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, entre outros estados e cidades menores. Seja em eventos presenciais ou no ambiente virtual, o Slam das Minas tem a função de criar novos modos de convivência em torno da poesia falada. A competição, longe de querer eliminar o adversário, surge para empoderar suas participantes e criar ambiente seguro para a expressão delas.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BRATTON, Benjamin. A pilha negra. In: YÚDICE, George (Org.). *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 20, p. 114-125, jan./jun. 2016.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@al*, n. 2, p. 13-18, out. 2012. Disponível em: <<https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

- DI LEONE, Luciana. Y ahora que sí se escucha: oralidade, colectivos y resistências em la poesia contemporânea brasileira. *El jardín de los poetas: revista de teoría y crítica latino-americana*, Mar del Plata, ano 5, n. 9, 2019.
- DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FERREIRA, Carolina Vidal. As mulheres no Slam: poesia, feminismos e insurgências. *VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano*, p. 179-194, mar. 2021. Disponível em: <http://designnaleitura.net.br/8sipmc/files/gt1_017_18042.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2022.
- FREITAS, Daniela. S. de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, p. 1-15, jan./abr. 2020. <<https://doi.org/10.1590/2316-40185915>>. Acesso em: 07 fev. 2022
- FYA, Nega. Fera Ferida. In: DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019, p. 180.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- LEÃO, Ryanne. às vezes. In: DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 211.
- LORDE, Audre. Poesia não é um luxo. In: _____. *Irmã Outsider*. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 44-48.
- LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. *Sopro: panfleto político-cultural*, n. 20, fev. 2010. Disponível em: <<http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- NASCIMENTO, Tatiana. *Cuírlombismo literário*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- OLIVEIRA, Daniele Rodrigues. *Pensar e escrever a periferia: Flup como um lance de política cultural*. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- PATRÍCIO, Mariana; ROQUE, Tatiana. As pautas e os ecos de junho de 2013. *Revista Cult*, São Paulo, 13 de junho de 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/as-pautas-e-os-ecos-de-junho-de-2013/>>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- ROTONDO, Santiago Alfaro. Diversidade restrita: o regime do patrimônio imaterial e as culturas populares no Peru. In: YÚDICE, George (Org.). *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo, n. 20, p. 208-219, jan./jun. 2016.
- SPITZNER, Marcelo. Lundu, Padê, Apocalipse Cuír – Entrevista com Tatiana Nascimento dos Santos. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 39, n. 2, p. 257-268, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/issue/view/653>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

TENNINA, Lucía. *Cuidado com os poetas!:* literatura e periferia na cidade de São Paulo. Tradução Ary Pimentel. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.

YÚDICE, George (Org.). *Revista Observatório Itaú Cultural*, São Paulo: Itaú Cultural, n. 20, jan./jun. 2016.

Recebido em 01/03/2022

Aceito em 11/10/2022

ⁱ **Antonia Costa de Thuin** é Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com estágio doutoral na Universidade de Obafemi Awolowo, em Ilê-Ifé (Nigéria, 2017). Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com bolsa CNPq. Pós-graduada em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC-Rio (2005) e em Interpretação de conferências pela mesma instituição (2010). Graduada em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1997). Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literaturas africanas, tradução, literatura de viagem. **E-mail:** antonia.dethuin@gmail.com

ⁱⁱ **Marina Ivo de Araujo Lima** é doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio, onde realiza pesquisa sobre o Slam das Minas RJ. Defendeu, na mesma instituição, a dissertação de mestrado Caixa de Viagem em abril de 2018. Dá aulas particulares de escrita criativa e grupos de estudos de literatura de obras como Odisseia (Homero), Ilíada (Homero), Don Quixote de La Mancha (Miguel de Cervantes), entre outras. Desde 2018, realiza passeios históricos literários na cidade do Rio de Janeiro. É autora do livro infantil “O menino com um buraco na barriga” (Editora Multifoco). **E-mail:** marinaivo8@gmail.com

ⁱⁱⁱ **Daniele Rodrigues de Oliveira** é doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com bolsa CNPq e com estágio doutoral na Universidade Nacional da Colômbia (CAPES-PrInt 2022). Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com bolsa CNPq. Graduada em Letras, também pela PUC-Rio. Durante a graduação, foi bolsista de iniciação científica (PIBIC/CAPES-PROCAD). **E-mail:** daniie.rodrigues@hotmail.com